

ALAGOAS. Desemprego e transparência puxam índices para baixo

Desempenho está ligado a questões históricas

Economista diz que estados do NE se revezam em piores índices

THIAGO TARELLI*
ESTAGIÁRIO

O estudo divulgado pela Macroplan revela que o desempenho de Alagoas foi puxado, principalmente, pelos índices de desemprego da população – que subiram de 9,5% em 2004 (um dos anos analisados), para 11,7% em 2014 – e pelo de transparência na gestão do Estado, que leva em consideração a disponibilização dos dados da gestão estadual ao público, levando em conta itens como conteúdo e usabilidade dessas informações.

Para a economista Luciana Caetano, a razão para o desempenho ruim do Estado está ligado a questões históricas e sociais. “Há décadas, Maranhão, Piauí e Alagoas se revezam



RICARDO LÉDO - ARQUIVO GA

A economista Luciana Caetano diz que, há décadas, Maranhão, Piauí e Alagoas se revezam na liderança dos piores indicadores socioeconômicos

na liderança dos piores indicadores socioeconômicos”, diz. “Mas vale ressaltar que o Estado brasileiro, desde sua proposta de integração regional, tem um olhar mais generoso para as regiões Sudeste e Sul, relegando a terceiro plano as regiões Norte e Nordes-

te, que se inserem na economia nacional de forma subordinada”, completa.

A economista lembra que o período analisado pela pesquisa – de 2004 a 2014 – foi marcado por políticas que visavam a retirada de parte da população da pobreza e, segundo ela, os estados mais estruturados economicamente responderam melhor a essas ações.

‘NEM-NEM’

Alagoas também encaixa a lista dos estados onde há a maior porcentagem de jovens da chamada geração “Nem-Nem”, que não estudam ou trabalham. Segundo o levantamento da Macroplan, 22,9 % dos jovens alagoanos se encontram nessa situação.

A origem do problema, segundo a economista Luciana Caetano, está em outro dado alarmante do Estado: sustentar a maior taxa de analfabetismo do País. “Alagoas é o estado com o maior índice de analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais de idade. Essa é a origem do problema. Por outro lado, quanto pior o índice de escolaridade, maior a dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal e, talvez, isso também explique o número de jovens cooptados pelo crime organizado”, explica.

Além da taxa de analfabetismo ser alta, outras características como a evasão escolar, extrema pobreza e desigualdade social também podem alavan-

car a taxa de jovens “nem-nem”, segundo a economista.

“A evasão escolar está, em grande medida, associada ao grau de escolaridade dos pais e à extrema pobreza, que colocam sob a responsabilidade das crianças o papel de gerador de renda no núcleo familiar”, justifica Luciana Caetano.

“Não se vê nas ruas crianças de classe média trabalhando no horário que deveriam estudar, mas é muito comum encontramos crianças pobres nos semáforos ou outras frentes de trabalho. E a isso se acostumam como se fosse normal”, explica.

Ainda segundo a economista, essas crianças “crescem orientados por esse modelo de exploração, e quando chegam à adolescência, continuam reproduzindo o modelo de trabalhar informalmente por qualquer coisa”.

POSITIVOS

Mas também há destaques positivos no levantamento. Um deles é a redução da taxa de mortalidade infantil no Estado, saiu de 24,2 óbitos para cada mil nascidos vivos em 2004, para 15,3 óbitos em 2014.

As rodovias estaduais também tiveram avaliação positiva. Segundo o estudo da Macroplan, a proporção da malha rodoviária pavimentada subiu de 71,5 % para 78,8%, levando o Estado ao segundo lugar do ranking no quesito, atrás apenas de São Paulo. ☺

* Sob supervisão da editoria de Economia.